

UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO  
GRANDE DO SUL – UNIJUI - CAMPUS IJUÍ

CURSO DE PEDAGOGIA

CRISTIANE SCHEVINSKI HECK

Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental:  
Articulação necessária e possível

IJUÍ  
2012

UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO  
GRANDE DO SUL – UNIJUI - CAMPUS IJUÍ

CURSO DE PEDAGOGIA

CRISTIANE SCHEVINSKI HECK

Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental:  
Articulação necessária e possível

Orientadora:  
Profa. Dra. Iselda Sausen Feil

Monografia de conclusão do curso da Graduação em Pedagogia

IJUÍ  
2012

UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO  
GRANDE DO SUL – UNIJUI - CAMPUS IJUÍ

CURSO DE PEDAGOGIA

CRISTIANE SCHEVINSKI HECK

Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental:  
Articulação necessária e possível

Monografia apresentada à banca do curso de  
Graduação em Pedagogia da Universidade  
Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do  
Sul – UNIJUI – para obtenção do título de  
licenciada em pedagogia, em julho de 2012, sob  
orientação da profa. Dr. Iselda Sausen Feil.

Ijuí, julho de 2012

CRISTIANE SCHEVINSKI HECK

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Iselda Sausen Feil

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

---

Nome Completo

Instituição

---

Nome Completo

Instituição

---

Profa. Dra. Armgard Lutz

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

---

Nome Completo

Instituição

---

Nome Completo

Instituição

CONCEITO FINAL: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ter me proporcionado à vida e por ter me dado saúde, e força nos momentos difíceis desta caminhada.*

*Aos meus pais Cesar e Sônia, por estarem sempre ao meu lado, me dando apoio e incentivo em todos os momentos, ao meu irmão Everton, e também ao meu noivo Ronaldo, pela paciência, dedicação e amor durante todo o período universitário.*

*Aos amigos que fiz durante o curso, pela verdadeira amizade que construímos em particular aqueles que estavam sempre ao meu lado como a Fernanda Kramatschek, Cristiane Schmidt, Silvana Oliveira e a Vanessa Leal por todos os momentos que passamos durante esses cinco anos e meio meu especial agradecimento. Sem vocês essa trajetória não seria tão prazerosa.*

*A minha orientadora, professora Iselda Sausen Feil, pelo ensinamento e dedicação dispensados no auxílio à concretização dessa monografia.*

*A todos os professores do curso de Pedagogia, pela paciência, dedicação e ensinamentos disponibilizados nas aulas, cada um de forma especial contribuiu para a conclusão desse trabalho e conseqüentemente para minha formação profissional.*

*Por fim, gostaria de agradecer aos meus amigos e familiares, pelo carinho e pela compreensão nos momentos em que a dedicação aos estudos foi exclusiva, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho fosse realizado meu eterno agradecimento.*

## RESUMO

Esta monografia intitulada como: Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Articulação necessária e possível, trata de refletir o processo de transição da educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental, considerando a inserção da educação infantil na educação básica e a implantação da Política do Ensino Fundamental de nove anos a qual prevê, entre várias transformações, o ingresso da criança, a este nível de ensino, aos seis anos de idade. O principal objetivo que impulsionou a produção desta pesquisa foi o desejo de conhecer e entender a Política Pública do Ensino Fundamental de Nove Anos, quais suas implicações e impactos no sentido de poder, enquanto educadora da infância, participar dos debates e construir propostas nas quais possam me inserir como protagonista.

As razões por esta escolha também se deram pelo fato de presenciar a ruptura existente entre a educação infantil e o ensino fundamental e as dificuldades das crianças e familiares de entenderem esta descontinuidade e se adaptarem à nova realidade.

Os aportes teóricos que sustentaram o trabalho são basicamente as pesquisas e contribuições de educadores e especialistas em educação infantil que defendem a infância e concebem a criança como sujeito cultural, produto de cultura, mas também produtora de cultura.

Para este estudo, a metodologia de pesquisa empregada foi basicamente bibliográfica. Para ilustrar e/ou buscar elementos empíricos, crianças foram entrevistadas para que pudessem socializar seus entendimentos sobre escola.

Os dados obtidos indicaram a pertinência da pesquisa e o quanto ainda precisa ser feito para que a teoria sobre a infância realmente ilumine as práticas nas escolas. Em relação à resultados, é possível dizer que a proposta da Política do Ensino Fundamental de Nove Anos apresenta fundamentos muito importantes, mas que precisam ser conhecidos e entendidos por todos os educadores, pois fica bastante evidente de que quando o professor não se sente pertencente, incluído no processo dos debates, não sente responsabilidade pelo processo.

Palavras-chave: Ensino Fundamental de Nove Anos - educação infantil, anos iniciais, transição.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I	
Ensino Fundamental de Nove Anos: Argumentando sobre alguns sentidos.....	10
CAPÍTULO II	
Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Articulação necessária e possível. ....	18
2.1. Educação Infantil: Que tempo é este? Quem são os sujeitos da Educação Infantil? .....	20
2.2. Criança de seis anos no Ensino Fundamental: Onde fica a infância da criança de seis anos no Ensino Fundamental? .....	26
2.3. Seis anos e tempo de brincar ou de estudar? Ou de brincar e estudar? .....	29
CAPÍTULO III	
Sob o olhar infantil: o conceito de criança na perspectiva da criança. ....	32
CAPÍTULO IV	
Por uma escola que acolhe as crianças. ....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
Sintetizando: A escola que acolhe a criança. ....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	49

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado com o intuito de aprimorar os conhecimentos sobre a implantação de uma nova política pública, que foi criada em 2006, a qual visa à ampliação do Ensino Fundamental de oito para nove anos, tendo como principal objetivo neste aumento do tempo escolar, assegurar a todas as crianças um tempo mais longo e eficaz na escola, proporcionando a elas maiores oportunidades de convívio com seus pares, bem como ter um ano a mais para a alfabetização e o letramento.

Ter uma oportunidade a mais de aprender nesta nova política, requer que os profissionais envolvidos no âmbito escolar, ofereçam aos seus alunos momentos prazerosos para que a aprendizagem ocorra de forma natural e espontânea, não deixando de lado o emprego eficaz do tempo em que as crianças permanecem na escola, pois, a implementação desta nova política requer que os profissionais da educação tenham orientações pedagógicas, visando respeitar as crianças como sujeitos que merecem ter um ensino de qualidade para que ocorra a aprendizagem.

Para que essa qualidade que tanto se fala seja concretizada, é necessário que os sistemas de ensino garantam para as crianças de seis anos de idade, um período de transição entre a educação infantil e o primeiro ano do ensino fundamental. Essas duas estruturas devem administrar uma proposta curricular adequada, visando assegurar as aprendizagens necessárias de acordo com a faixa etária de cada criança, tanto para as de seis anos quanto para as de sete anos.

Ressaltamos também que não é função da Educação Infantil preparar as crianças para o ensino fundamental, pois, cada uma dessas etapas possui objetivos e metas próprias, as quais devem ser trabalhadas e aprimoradas de maneira gradativa, não deixando de respeitar a singularidade de cada criança.

Partindo desse pressuposto, procuramos dar ênfase neste trabalho para o estudo de alguns aspectos que achamos necessário abordar para termos como subsídios na prática pedagógica no momento da transição da Educação Infantil para o Primeiro Ano do Ensino Fundamental, com especial atenção para as crianças de seis anos de idade.

No capítulo I, que constitui o primeiro texto deste trabalho, pretendemos situar o leitor diante da implantação de uma nova política de ampliação do ensino fundamental de oito para nove anos, destacando a importância de pensarmos a criança neste novo contexto escolar que hoje se apresenta, bem como apontar estratégias pedagógicas para a reorganização da escola.



Logo em seguida, refletiremos sobre a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, onde abordaremos a importância da articulação entre ambos no processo de ensino e aprendizagem da criança, onde enfatizaremos e priorizaremos situações de aprendizagens pautadas no lúdico, no jogo e na brincadeira. Estes apontamentos que nos norteiam estarão subdivididos nas três partes neste capítulo as quais seguem: Educação Infantil: Que tempo é este? Quem são os sujeitos da Educação Infantil? Seis anos e tempo de brincar ou de estudar? Ou de brincar e estudar? Diante dessas perguntas daremos ênfase à criança e a infância na sua singularidade visando mostrar ao leitor a importância da Educação Infantil estar articulada com os Anos Iniciais, e que o brincar e o aprender devem estar entrelaçados, principalmente na infância.

No terceiro capítulo, abordaremos a temática: Sob o olhar Infantil: o conceito de criança na perspectiva da criança, objetivamos investigar e ouvir as vozes das crianças, com o intuito de perceber como a criança se vê na infância na qual está inserida. Na sequência fizemos alguns comentários e análises sobre as respostas obtidas pelas crianças,

Logo em seguida, refletiremos sobre como deve ser a escola que acolhe as crianças, propondo um diálogo de contribuições tanto para a Educação Infantil quanto para o Ensino Fundamental, na intenção de propor um debate a respeito da articulação entre ambos, pois é nesta articulação que desenvolveremos uma série de saberes que são necessários para a inserção da criança no mundo.

Finalmente, temos a convicção depois deste estudo, que a escola deve acolher seus alunos de maneira a pensar e elaborar estratégias pautadas nos sujeitos da infância, com a intenção de olhar e perceber a infância com outros olhos, na perspectiva de mudar o paradigma histórico entre os tempos pedagógicos da Educação Infantil e os Anos Iniciais.

### **Ensino Fundamental de Nove Anos: Argumentando sobre alguns sentidos**

A ampliação para nove anos, da duração do Ensino Fundamental obrigatório com início aos seis anos de idade, determinado pelo Plano Nacional de Educação (PNE) Lei Nº 172/2001, meta 2 do Ensino Fundamental, traz em seu bojo uma das necessidades primordiais ao que se refere aos processos de alfabetização e em promover com urgência a construção de uma escola inclusiva. Inclusiva no sentido de melhorar as condições de equidade e de qualidade da educação básica; estruturar um novo ensino fundamental para que as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade; assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças tenham um tempo mais longo para as aprendizagens da alfabetização e letramento. Nos referenciais desta nova política, há a argumentação de que, promover a todas as crianças um período mais longo de convívio escolar, bem como maiores e melhores oportunidades de aprendizagens, atenderá ao princípio da universalidade e democratização da educação.

A ampliação para nove anos do Ensino Fundamental é resultado de muitos debates os quais envolveram autoridades de diferentes órgãos governamentais e está amparada nas seguintes Leis:

- A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 208 - que refere-se ao atendimento em creche e pré-escolar às crianças de zero a seis anos de idade.

- As alterações da LDBN 9.394/1996, com as promulgações das leis nº 10.172/2001, que estabelece o ensino fundamental de nove anos como meta da educação nacional.

---

<sup>1</sup>Capítulo I: Produzido pelas acadêmicas – Cristiane Heck, Lisandra Cyzeski e Priscila Huver. Componente curricular: Trabalho de Conclusão de Curso II, do 9º semestre do curso de Pedagogia da UNIJUI, ministrada pela professora Iselda Sausen Feil.

- Lei 11.274, que altera a LDB e amplia o Ensino Fundamental para nove anos de duração, com a inclusão das crianças de seis anos de idade e estabelece prazo de implementação, pelos sistemas, até 2010.

A implantação da nova política pública para o Ensino Fundamental- política pública entendida como um direito, busca reparar uma histórica injustiça, pois representa uma oportunidade concreta de aumentar o número de crianças dos setores populares na escola fundamental, uma vez que a maioria das crianças de classes média e alta já estar incorporada ao sistema de ensino, seja na pré-escola, seja na primeira série do Ensino Fundamental.

É importante destacar que a implantação da Política de Ensino Fundamental de Nove Anos, não se restringe na duração e início deste tempo de aprendizagem, mas como uma forma de responder o desafio de transformar a estrutura e a cultura da escola, reconhecidamente anacrônica e descontextualizada. Segundo a proposta, o Ensino Fundamental de Nove Anos deve constituir - se num processo de criar condições objetivas para que todas as crianças e adolescentes da escola se integrem ao mundo letrado, tornando-se efetivamente cidadãos.

Pensar a educação no Ensino Fundamental de nove anos requer, em razão disso, um novo pensamento/paradigma, pois implica num novo olhar sobre os sujeitos. Implantar o ensino fundamental nove anos implica mudar a escola e mudar a escola deve significar mudar os tempos e espaços escolares, rompendo com uma organização seriada, com os currículos rigidamente organizados, incorporando projetos de manifestações culturais e artísticas no fazer do cotidiano escolar. Os atores sociais-estudantes e professores passam a ocupar a centralidade da proposta, sendo reconhecidos como sujeitos de direito, situados e datados culturalmente. Ao mesmo tempo em que pertencem a uma cultura, é preciso considerar a singularidade de cada um. Em outras palavras, a ampliação do ensino fundamental para nove anos requer novas diretrizes curriculares. O Conselho Nacional de Educação (CNE) já iniciou um processo de discussão para a elaboração das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e para a Educação Infantil. Portanto, professores, gestores e demais profissionais de apoio à docência – têm, neste contexto, uma complexa tarefa: a de participar da elaboração dessas diretrizes junto ao CNE, pois estas produzirão

impactos no âmbito de cada sistema de ensino, principalmente no interior das escolas. Trata-se de um momento concreto para viabilizar o que em teoria a política do Ensino Fundamental propõe: produzir uma nova cultura escolar que assegure o acesso e a permanências de todas as crianças numa escola que realmente ensine, que assegure às crianças em seu pleno desenvolvimento em seus aspectos físico, psicológico, intelectual, social e cognitivo. Isto requer muitas transformações que vão desde os espaços, metodologias, relacionamento escola-família, e, uma política de formação permanente dos educadores, entre outros. Faz-se necessário elaborar uma nova proposta curricular, coerente com as especificidades não só da criança de seis anos, como também com as das demais crianças de sete, oito, nove e dez anos de idade, bem como com as dos adolescentes de onze a quatorze anos, que constituem os anos finais dessa etapa de ensino. (PAGEL; NASCIMENTO 2006, p.11)

Um das razões, se, não a principal, dessa ampliação, como já salientado, é assegurar um tempo escolar maior para todas as crianças e, conseqüentemente, ampliar as oportunidades de aprender, embora precise ficar claro que a aprendizagem não está ligada apenas ao aumento do tempo, mas também ao emprego mais eficaz do mesmo na escola, pois é no âmbito das práticas pedagógicas que a escola pode- ou não, tornar-se, um locus de aprendizagens efetivas. (BRASIL, 2004). A ampliação do Ensino Fundamental de oito para nove anos requer diálogo e alternativas curriculares claras e condizentes as necessidades desta faixa etária, contribuindo (ou impondo) para uma mudança na estrutura e na cultura escolar. Neste sentido, a proposta explicitada nos documentos orientadores desta proposta editada pelo Ministério da Educação e Cultura, é enfática ao afirmar que esta política, agora já implantada e em pleno desenvolvimento, representa uma ruptura conceitual e não de uma simples inserção orgânica em um pensamento já construído. Um dos grandes problemas que a implantação vem enfrentando é exatamente que, pela falta de participação dos professores nos debates, muitos estão pensando a escola de nove anos sobre um sistema de idéias pré-existentes, ou seja, estão pensando a escola de nove anos num quadro tradicional, não vindo a construir um novo sentido a mesma. E é por esta e outras razões que muitos especialistas se colocaram numa atitude contrária à implantação do Ensino fundamental nove anos:

Colocar uma criança de seis anos sem experiência escolar numa escola tradicional como a nossa é uma violência. Sem uma proposta pedagógica clara, as crianças vão acabar sentadas na carteira copiando leitura da lousa... Não é só problema da alfabetização na primeira série. É uma questão de disciplina, de regras, de horários... (Barbosa: 2005).

O problema, segundo especialistas, que a determinação da inclusão aos seis anos no ensino fundamental, vem acompanhada com poucas instruções de como seria essa inserção nem traz propostas de formação inicial e continuada para professores, deixando claro que não é a mesma coisa ensinar uma criança de sete anos e uma de seis.

Só tem sentido uma criança no ensino fundamental se estiver preocupado com a totalidade do seu desenvolvimento. Não é para diminuir a repetência e aumentar a escolarização pura e simplesmente. É por respeito ao tempo da infância... Se for para manter a escola tradicional, conteudista, como é a nossa, eu não ampliaria em mais um ano. Não adianta colocar a criança que tem seis anos só para ela precocemente aprender a ler e escrever. Isso é escolarizar prematuramente uma criança a um sistema falho... (Arroyo: 2005).

Estas afirmações apontam, além da preocupação com a criança e com sua aprendizagem, o problema da ausência dos professores nos debates que antecederam a implantação e a falta de um acompanhamento durante o processo e trazem em suas reflexões questionamentos como: Quais sentidos são atribuídos nas discussões de uma proposta de um ensino fundamental de nove anos? Como fica a criança de seis anos? Fica “entre” a Educação infantil e o Ensino fundamental? Estar na Educação infantil com seis anos é diferente de estar na primeira série? Ser professora de crianças de seis anos na educação infantil ou no ensino fundamental representa atuar em concepções diferentes do significado “ser criança”? Estar com seis anos de idade na educação infantil traz diferenças no gostar de brincar e de aprender estando no primeiro ano?

No centro dos debates dos especialistas que questionaram, ou questionam a política dos nove anos, está a criança. Há uma preocupação de que haja um aceleração da infância e risco das professoras caírem em armadilhas como:

- Antecipar a iniciação da leitura e da escrita, assumindo alguns dos conteúdos e algumas práticas ligadas ao ensino da mecânica do ler e do escrever;

- Evitar que a criança que a criança entre em contato com a língua escrita, com o “mundo das letras”, numa visão estreita de alfabetizar;
- Tratar o primeiro ano como o “antigo prézinho”, entre outras.

Neste sentido não se trata de compilar conteúdos de duas etapas da educação básica (EDI e AI), trata-se de construirmos uma proposta pedagógica coerente com as especificidades da segunda infância e que atenda, também, às necessidades específicas. (MEC/ doc.3).

Por outro lado, há muitos especialistas que defendem o ingresso da criança de seis anos no Ensino Fundamental, utilizando-se dos referenciais trazidos pelos documentos orientadores do MEC. Entre estes, podemos citar Libâneo (2004), quando lembra a importância da escola como instância necessária de democratização intelectual e política, em especial de uma política educacional inclusiva, defende que o ensino fundamental de nove anos vem cumprir com a responsabilidade social de incluir crianças das camadas mais pobres da população. Segundo este pesquisador, a ampliação do Ensino Fundamental, incluindo a criança de seis anos, resgata a dívida social, acumulada durante anos, deixando de fora da escola obrigatória justamente a parcela da população que mais precisa dela para atualizar seu bem cultural.

Os argumentos usados pelos educadores que defendem a nova política e também utilizados pelo MEC são pautados pela necessidade da emergência de uma nova escola, considerando que a tarefa da escola não consiste em dar às crianças uma soma de fatos conhecidos, mas ensiná-las a orientar-se independentemente, seja na formação científica, seja em qualquer outro tipo de formação. E isto:

Requer planejamento e diretrizes norteadoras para o atendimento integral da criança em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, além de metas para a expansão do atendimento, com garantia de qualidade. Essa qualidade implica assegurar um processo educativo respeitoso e construído com base nas múltiplas dimensões e na especificidade do tempo da infância, no qual fazem parte as crianças de sete e oito anos. (MEC: Doc 2).

Há, portanto, uma preocupação, embora não exclusiva, com o ingresso da criança de seis anos no ensino fundamental:

A matrícula aos seis anos no ensino fundamental deve constituir-se em momento de reconstrução da proposta pedagógica para os anos iniciais deste nível de ensino, de forma a assegurar trabalho educativo adequado aos alunos

de seis e sete anos no ensino fundamental, com atividades predominantemente lúdicas para o desenvolvimento da socialização, linguagem oral e escrita, outras linguagens – corporal, musical, visual, etc.- e pensamento lógico- matemático como integrantes de seu processo de alfabetização. (SEC/RS: 2007).

Partindo destes pressupostos, pensar a escola fundamental de nove anos, já significa estabelecer uma ruptura com as formas tradicionais de organização da escola, pois isto implica trazer à tona a dicotomia entre ensino fundamental e a educação infantil: escola infantil é o lugar do brincar; a escola fundamental é lugar de trabalho, é coisa séria! No imaginário das pessoas – dos professores, pais e até das crianças que entram no ensino fundamental, estar no primeiro ano significa compromisso com tarefas escolares, com horários controlados, com cadernos cheios de lições, com tempos mais rígidos dentro da sala de aula. Retornando a questão como fica a criança de seis anos?

Os documentos do MEC: Ensino fundamental de nove anos: Orientações gerais enfatizam a infância como sendo um dos principais eixos orientadores na organização do Currículo: “Consideramos a infância eixo primordial para a compreensão da nova proposta pedagógica necessária aos anos/séries iniciais do ensino fundamental”. Sugerem inclusive, que ao produzir a proposta do ensino fundamental dos nove anos, os professores busquem elementos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. (...) no sentido de garantir que sejam atendidas as necessidades da criança que é a de aprender e a de brincar e, que o trabalho seja planejado e acompanhado por adultos que saibam ver, entender e lidar com as crianças como crianças e não apenas como estudantes.

Embora Diretrizes Curriculares ainda não terem sido elaboradas, o MEC, encaminhou orientações e novas demandas para as escolas e entre estas, elaborou eixos orientadores para a organização de um novo currículo, entre os quais apontam:

- A infância e sua singularidade,
- A infância na escola e na vida;
- O Brincar como um modo de ser e estar no mundo;
- As expressões e o desenvolvimento da criança;
- As áreas do conhecimento: uma abordagem integrada e integradora; organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento.

A aposta está que a implantação de um ensino obrigatório de nove anos iniciando aos seis anos de idade pode contribuir para uma mudança na estrutura e na cultura escolar. Não se trata de transmitir para as crianças de seis anos, os conteúdos da primeira série, mas de construir uma nova proposta curricular, que considere as singularidades deste aluno. Este tempo mais longo que a criança ficará na escola precisa ser um tempo de qualidade onde tenha orientações pedagógicas que respeitem as crianças como sujeitos da aprendizagem.

Assim sendo o ensino fundamental de nove anos, nos propõe um trabalho que venha a qualificar o ensino. Neste sentido se configura a relevância de se buscar compreender profundamente o que o documento da nova proposta visa propor enquanto mudanças pedagógicas educacionais, entendendo que ao desejar uma pedagogia de mudanças, faz - se necessário engajamento de todos.

A escola deve trazer um currículo voltado a esses sujeitos na percepção que as crianças estão chegando mais novas a escola, então cabe também aos professores terem um planejamento adequado aonde trabalhem de acordo com o ritmo da turma, percebendo as necessidades e também desafiando seus alunos. Neste momento existe a necessidade de construirmos uma nova escola, um novo currículo e um novo olhar para esses sujeitos, o que implica em:

- Rever as finalidades da escola;
- Significar o objetivo do Ensino Fundamental e dentro deste a função dos Anos Iniciais: Revisão da Proposta Pedagógica do Ensino fundamental;
- Explicitação da concepção de infância, destacando sua singularidade: Quem é esta criança? Que momentos está vivendo? Quais são seus direitos, interesses e necessidades? Por que ela pode ou deve ingressar no ensino fundamental? Qual seu ambiente de desenvolvimento e aprendizado?
- Relação Família e escola: como incluí-las no planejamento escolar;
- Acolhimento da criança na escola: como recebê-las, como conhecê-las: organização do cotidiano escolar;



- Sobre o tempo escolar: Organização dos tempos: Queremos uma organização própria, pedagógica ou organização dos tempos advindas da organização fabril da sociedade?;
- Explicitação da prática pedagógica: Que conhecimentos são fundamentais e indispensáveis à formação da criança?;
- Sobre a metodologia de ensino e método de alfabetização: Explicitação de como organizará a prática pedagógica para garantir que a criança de seis anos de idade aprenda através do estudo articulado das Ciências Sociais, das Ciências Naturais, das Noções Lógico-Matemáticas e das Linguagens. Como alfabetizar?
- Sobre a aprendizagem;
- Sobre o registro das experiências;
- Sobre a avaliação.

É este o nosso posicionamento. Embora ainda haja muitas questões que precisam ser esclarecidas e aprofundadas - o que, em educação não poderia ser diferente, o Ensino fundamental de Nove Anos está implantado e cabe a nós, numa postura permanente, estudar, dialogar, criar... É nesta perspectiva que estamos propondo a pesquisar mais sobre: a articulação entre a educação infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Nove Anos; quem são os sujeitos com quais trabalhamos e como acontece a aprendizagem (ou como e porque não acontece), na perspectiva de melhor gestar a nossa prática pedagógica e também contribuir com outros educadores que vierem a servir-se deste documento.

## CAPÍTULO II

### **Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Articulação necessária e possível**

A articulação entre a Educação Infantil e os Anos Iniciais, tem provocado muitas dúvidas e questionamentos no que se refere ao ensino e a aprendizagem das crianças, porém, esta passagem deve ser compreendida e assimilada por todos os envolvidos no espaço escolar como um momento único e prazeroso, pois, a transição não deve ser vista como uma mudança difícil para a criança, mas sim, como um momento de dar continuidade a sua aprendizagem, visando aprimorar cada vez mais os conhecimentos já construídos junto aos familiares, amigos e em contato com a natureza. Para muitos professores e familiares, ingressar no primeiro ano do Ensino Fundamental significa dar início ao processo de aprendizagem, o que é um equívoco. A aprendizagem acontece todos os dias de forma espontânea, porém sempre mediada, em todos os momentos da vida em interação com os outros, com os objetos e com o mundo. O documento: Orientações para a Inclusão da Criança de Seis Anos de Idade (2006) enfatiza esta questão ao afirmar:

Faz-se necessário, ainda, que os sistemas de ensino garantam às crianças de seis anos de idade, ingressantes no ensino fundamental, nove anos de estudo nessa etapa da educação básica. Durante o período de transição entre as duas estruturas, os sistemas devem administrar uma proposta curricular, que assegure as aprendizagens necessárias ao prosseguimento, com sucesso, nos estudos tanto às crianças de seis anos quanto às de sete anos de idade que estão ingressando em 2006, bem como às crianças ingressantes no, até então, ensino fundamental de oito anos.

Esta afirmação, além de confirmar o dito anteriormente, aponta para a necessidade de mudanças no sistema de ensino. A antecipação da entrada das crianças no ensino fundamental de nove anos, requer mudança nas concepções pedagógicas e educacionais, principalmente no que se refere à faixa etária das crianças dentro da escola, bem como os aspectos físicos, sociais e psicológicos das crianças que merecem consideração e respeito por parte dos professores e de todos que compõe o corpo da escola, incluindo a família que também é muito importante, neste processo de separação da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental.

Toda mudança é difícil tanto para pais quanto para as crianças. Em razão disso, há a necessidade de professores preparados para esta nova fase em que se encontra a educação, preparados no sentido de conhecer as necessidades que as crianças têm em cada faixa do desenvolvimento tanto físico, psicológico e motor, para que esta transição não seja traumática e nem tire dela o “direito de ser criança”. Considerando isto, faz-se necessário um cuidado no que tange essas concepções e permitir que a criança ingresse num novo nível/modalidade sem perceber tantas mudanças assim do dia pra noite. Conforme nos salienta Andréia Pereira da Silva, et al quando dizem que:

Os alunos de seis anos ao ingressarem no Ensino Fundamental não deixaram de ser crianças somente porque cumpriram uma etapa da vida escolar. Precisam continuar o trabalho com o lúdico para que a aprendizagem se efetive de maneira que as crianças pensem, conversem, discutam e raciocinem, indo além do que já está posto. O momento de transição feito de maneira prazerosa será responsável por adultos mais sociáveis na interação com o outro e na resolução de conflitos. A escola deve trabalhar esta transição através de um planejamento bem feito, onde todos os funcionários estejam comprometidos. Professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental precisam interagir para que possam trabalhar em equipe e fazer deste momento, um momento único, especial e alegre. O envolvimento do educador é fundamental neste processo. Portanto, o lúdico, o brincar deve estar presente no Ensino Fundamental, pois o aluno ao brincar apropria-se de conhecimento e tece relações sociais. (SILVA. 2006. P, 11)

Neste contexto, os professores da Educação Infantil em conjunto com os professores do primeiro ano passam a constituir-se os principais mediadores deste processo de transição, são eles que irão facilitar, ou não, esta mudança para a criança, elaborando um planejamento no coletivo que intencione o aprender de forma intencional e organizada privilegiando situações de aprendizagem pautadas no lúdico, no jogo, na pesquisa.

Neste sentido o professor proporcionará o processo de transição, no qual o lúdico é visto como parte central deste processo (e não como uma perda de tempo), como parte integrante do processo ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere à mediação do conhecimento. Cabe a todos os envolvidos com a escola fazer com que se cumpra à função pedagógica, na perspectiva de melhorar a qualidade do ensino, tendo a criança como ser único e capaz de aprender, fazendo-se necessário, para isto, a disposição de cumprir o papel de interlocutores de aprendizagens e conhecimentos.

Um desafio importante a ser assumido é o de incluir efetivamente, pois na lei já é, a Educação Infantil como parte integrante da Educação Básica e os docentes, principalmente da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental sentarem-se juntos e entender melhor estes tempos pedagógicos e produzir uma proposta de educação integrada. Em outras palavras, o professor da Educação Infantil, precisa, além de compreender quem são os sujeitos deste tempo e como aprendem, também compreender quem são os sujeitos dos anos iniciais e como aprendem. O professor dos anos iniciais precisa compreender o tempo da educação infantil. Só assim, a criança continuará seu processo de desenvolvimento e aprendizagem sem deixar de ser criança, mesmo que estudante.

È imprescindível que a escola faça cumprir sua função pedagógica de maneira que haja uma integração entre os profissionais em consonância com sua missão e filosofia. Todos devem assumir uma postura crítica e reflexiva diante das mudanças desafiadoras que permeiam a transição da educação infantil para o ensino fundamental.

A aprendizagem se dá ao longo de um processo onde cada aluno tem seu ritmo próprio, mas se forem dadas as condições adequadas de ensino, é provável que ela aconteça de uma forma bem mais agradável.

Se os profissionais acreditarem que as crianças trazem consigo uma bagagem e não uma folha em branco, é possível fazer uma adequação da metodologia a essa crença e promover uma aprendizagem significativa.

Acredita-se que a competência do professor, seu envolvimento com o trabalho, sua atitude encorajadora, sua ousadia e a confiança em seus alunos pesam muito para o desenvolvimento eficaz na primeira infância e principalmente no momento de transição da criança da educação infantil para a criança do ensino fundamental.

O sucesso exige a transformação da escola onde a família possa ser parceira e onde haja um ambiente rico em estímulos que provoquem atos de promoção fornecendo elementos que desafiem o sujeito a pensar e viver um aprender interagindo cada vez mais como participante ativo no processo ensino aprendizagem.

Para uma melhor explicitação dos conceitos que norteiam a presente reflexão, subdivido este capítulo em três partes, os quais, embora, interdependentes, enfatizarão um aspecto em especial.

## **2.1- Educação Infantil: Que tempo é este? Quem são os sujeitos da Educação Infantil?**

Quando nos reportamos às crianças que fazem parte da Educação Infantil de nossas escolas, muitas vezes acabamos por pensar que todas elas fazem parte de uma infância igualitária, já que geralmente estão inseridas com crianças de sua mesma faixa etária. Mas isto é um equívoco, pois nos dias de hoje não podemos nos referir à palavra infância como sendo única para todas as crianças, pois cada uma vai ter a sua infância dependendo do contexto no qual surge e se desenvolve e também nas relações que mantém no seu desenvolvimento. Portanto esta visão de infância colabora para a constituição de tais significados e concepções, que, por sua vez, nos remetem a uma imagem de criança como essência, universal, descontextualizada ou então, nos mostram diferentes infâncias coexistindo em um mesmo tempo e lugar.

Em razão disso, é fundamental que se olhe para a criança, como alguém que tem o que dizer, e que precisa ser ouvida, que vem de uma cultura, que já tem uma história e que se expressa de forma singular considerando seu universo simbólico. Ampliar este universo é papel da escola, e esta desempenhará este papel proporcionando situações desafiadoras que permitam a livre expressão, a imaginação, o lúdico, a poesia... Faz-se necessário valorizar o que a criança traz de casa, não as tratando como sujeitos passivos, lembrando sempre que a infância é essencial para a formação do ser humano; que as crianças são capazes de construir suas próprias cidadanias, desde que lhe sejam dadas às condições. Para isto faz-se necessária a instauração de uma pedagogia da escuta, uma pedagogia pautada na lógica infantil, pois retomando os estudos da infância, a falta do olhar, ouvir e sentir a criança produz projetos de acordo com o que o adulto quer, e não com o que realmente interessa a este indivíduo, muitas vezes subestimando-o, não valorizando sua cultura, seus pré-conhecimentos, suas dúvidas ou questionamentos.

Nesse contexto, a criança vai vivendo a infância que lhe é possível, e para tanto precisa ser reconhecida como sujeito de voz, dotado de competências e capacidades, de história, de contribuições e imensuráveis conhecimentos.

Partindo do pressuposto de que a criança tem voz e vez, e que por este motivo a bagagem que ela carrega precisa ser considerada nos momentos em que se pensa uma proposta pedagógica, verifica-se a existência de muitas infâncias, diferenciadas pelos seus aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos que envolvem essa fase da vida. Por hora pensamos estar perto destes conceitos e até mesmo entendendo-os. Mas esta é uma tarefa que se constitui complexa, já que em funções de mídias de massa, surgem novos paradigmas de família, novos tempos de escola, acaba-se compartilhando tantos paradigmas em relação a estes sujeitos/crianças, os quais acabam proporcionando debates constantes, o que por sua vez, exige dos educadores cautela e muita reflexão.

A criança de hoje está muito mais amparada, e muito bem servida de recursos que precisam ser aproveitados de forma qualitativa no seu desenvolvimento, e outros repensados, no que diz respeito à estrutura familiar, e aos educadores da infância.

Assim sendo, a importância de compreender a infância se coloca na preocupação da formação dos sujeitos identitários, detentores do papel principal do seu crescimento, e isso precisa se colocar como ferramenta na educação das crianças.

Ao nos reportarmos a estas duas palavras: Criança e Infância se faz necessário compreendê-las de modo bastante profundo, pois crianças são sujeitos da infância(s) e esta infância por sua vez caracteriza-se como fase da constituição do sujeito, uma construção de caráter histórico e cultural, que resultará em um produto. E a cada idade se atribui um valor, uma especificidade, um sentido próprio e inerente a cada sujeito.

A entrada das crianças de seis anos no ensino fundamental se faz em um contexto favorável, pois nunca se falou tanto em infância como se fala hoje. Os reflexos desse olhar podem ser percebidos em vários contextos da sociedade. No que diz respeito à escola, estamos em um momento de questionarmos nossas concepções e nossas práticas escolares. Esse questionamento é fundamental, pois, algumas vezes, durante o desenvolvimento do trabalho pedagógico, podemos correr o risco de desconsiderar que a infância está presente nos anos/série iniciais e não só na educação infantil. (Nascimento. 2006. P, 28 e 29).

Acredita-se que a infância é um espaço/tempo da criança e constitui-se a base da formação do sujeito. É onde se inicia a construção do caráter e da personalidade. É a fase em que se iniciam as descobertas e o desenvolvimento do imaginário.

Percebe-se atualmente que as propostas pedagógicas para o desenvolvimento e aprendizagem da criança baseiam-se nos jogos e nas brincadeiras, porém o modo como são trabalhados e ou entendidos pelos professores nas escolas, não tem promovido um desenvolvimento eficaz por parte das crianças. Conforme também afirma Borba quando salienta que:

A experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros – adultos e crianças. (Borba; 2006. p.33 e 34).

Na realidade o trabalho com jogos e brincadeiras, ainda são vistos por alguns professores como forma de passar o tempo, pois os mesmos não têm conhecimento suficiente do objetivo maior dessa atividade que se refere ao desenvolvimento intelectual do aluno é importante reportarmo-nos para Andrade (1994), que diz:

“A brincadeira constitui uma situação social, onde ao mesmo tempo que há representações e explorações de outras situações sociais, há formas de relacionamento interpessoal da crianças ou, eventualmente, entre elas e um adulto na situação, formas essas que também se sujeitam a modelos, a regulações e onde também está presente a afetividade, desejos, satisfações, frustrações, alegria e dor”.(ANDRADE, 1994:24)

O brincar, na maioria das vezes acontece de forma espontânea, onde a criança cria as regras sem nenhum elo cultural com a parte pedagógica. Há necessidade, porém, dos jogos e das brincadeiras serem ressignificados como recursos importantes para o processo de ensinar e aprender, pois na verdade eles agem nos processos psicológicos das crianças, especificamente na memória e na linguagem abrindo caminhos para autonomia e a exploração de significados.

Segundo nos diz o autor, Benjamin:

[...] as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas.

Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria. Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente. Neles, elas menos imitam as obras dos adultos do que põem materiais de espécie muito diferente, através daquilo que com eles aprontam no brinquedo, em uma nova, brusca relação entre sí. (BENJAMIM. 1995. p.17-18).

Este é o desafio da Educação Infantil, conectar, através do brincar, afetividade, linguagem, percepção, memória e aprendizagem de si, dos outros e do mundo. Este trabalho da escola infantil precisa se caracterizar como um trabalho conjunto com a família, pois os educadores passam muitas vezes muitas vezes mais tempo com as crianças que os próprios pais, portanto tem papel importante na formação do caráter destes indivíduos, ensinando valores, auxiliando o seu crescimento.

A LDB reconheceu a importância da relação entre a família e a escola no processo de aprendizagem das crianças, como também a diversidade existente em nossa sociedade. Baseando-se nestas observações e para garantir um processo de aprendizagem de qualidade, o Ministério da Educação lançou o *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)*. O RCNEI é um conjunto de referências e orientações pedagógicas, a sua aplicação não é obrigatória, porém servem como orientações para a prática pedagógica. Este documento tem uma amplitude muito grande de orientações, pois ele não indica somente o conteúdo que deve ser apresentado às crianças de 0 a 5 anos e como organizar as atividades, mas orienta os profissionais na educação no tratamento as diversidades de cultura, como receber uma criança que vem para a creche ou escola tão pequena, como lidar com a separação delas com ao ambiente familiar, e tantas outras questões indispensáveis para o ingresso destas crianças no ambiente escolar.

Neste mesmo período o Conselho Nacional de Educação lançou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil tendo caráter obrigatório, elas regulamentam os princípios e fundamentos que regem o funcionamento da Educação Infantil garantindo os deveres e principalmente os direitos dos alunos.

Com o objetivo de garantir estes direitos para as crianças o Ministério da Educação lançou o Plano Nacional de Educação, no qual possui um capítulo específico



para a Educação Infantil, que vem a colaborar com a LDB que defende a importância da Educação Infantil para a formação do indivíduo, contribuindo para a construção da sua cidadania. As atribuições do PNE estão divididas entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os municípios.

Em coerência com o PNE o MEC lança a Política Nacional de Educação Infantil com suas diretrizes, objetivos, metas e estratégias.

Alguns pontos descritos nas diretrizes da Política Nacional da Educação Infantil são:

- Assegurar atendimento a todas as crianças de 0 a 5 anos – mesmo não sendo obrigatório é garantido a todas as crianças nesta faixa etária, é um direito garantido muito importante, pois muitas vezes os pais trabalhavam e não tinham com quem deixar seus filhos, além do cuidado, agora os pais tem garantido uma preparação para estas crianças ingressarem no ensino fundamental.
- O processo pedagógico das creches e pré-escolas deve prever e respeitar as diversidades entre as crianças e suas especificidades, bem como a utilização das brincadeiras como meio de conhecimento e de aprendizagem – este item tem sua importância na educação infantil pois as crianças possuem um histórico de vida diferenciado umas das outras, isso quer dizer que não pode-se exigir que todas as crianças sejam iguais, que respondam aos estímulos da mesma forma, e elas devem ser respeitadas com suas especificidades, os educadores e cuidadores devem saber criar oportunidade de cuidado e aprendizado que contemplem estas diferenças. Devem utilizar-se das brincadeiras, pois tornará este processo mais prazeroso para as crianças.
- Os educadores possuem direito de uma formação inicial e continuada e de um plano de cargos e salários – este constante aperfeiçoamento e uma devida remuneração é muito importante para que estes profissionais tenham o devido reconhecimento pelo trabalho prestado. Não é novidade que qualquer profissional que tenha reconhecimento trabalha com mais prazer e zelo. É importante valorizar o profissional de educação, pois os educadores ao se verem sem oportunidade de aprimorar os seus conhecimentos e também não tendo o devido reconhecimento, vão se tornando profissionais despreparados para o desafio da docência e desestimulados perante a falta de reconhecimento.

Estas e outras diretrizes descritas na Política Nacional de Educação Infantil têm por objetivo entre outros, o de garantir um atendimento de qualidade para a educação básica, incluindo-se uma estreita relação de complementação e cumplicidade entre a família e a escola para que este processo tenha uma sincronia e continuação. É muito importante que os pais e os educadores partilhem das mesmas condutas e ensinamento para que a criança entenda que está num ambiente harmonioso, isso fará com que a criança se sinta protegida e desta forma ela terá um desenvolvimento mais sólido e mais saudável.

Assim como os alunos devem se sentir amparados e protegidos, os educadores também devem ter este sentimento, claro que para aos educadores estes sentimentos são proporcionados de forma diferenciada ao dos alunos. Os educadores se sentirão amparados e protegidos, na medida de tiverem oportunidade de formação, tanto inicial como continuada, e que tiverem um reconhecimento salarial e de categoria. Também devem ter a oportunidade de participar da elaboração das propostas pedagógicas da escola, para que assim possam avaliar e dar contribuições.

A Política Nacional de Educação Infantil tem como meta ampliar a oferta de vagas na educação infantil, assegurar que alguns recursos como, por exemplo, os do Fundef sejam aplicados na Educação Infantil, estabelecer parâmetros mínimos na qualidade dos serviços como também padrões mínimos de infra-estrutura, assegurar a contratação de profissionais qualificados para o atendimento das escolas de educação infantil, como também assegurar a formação mínima exigida para aqueles profissionais que nelas já atuam.

Para que se consiga realizar estas e outras ações a Política Nacional de Educação Infantil apresenta inúmeras estratégias, destaca-se: o fortalecimento da gestão democrática nas escolas, para que toda a comunidade escolar tenha oportunidade de participar das decisões técnicas e financeiras da escola, assim a própria comunidade escolar poderá apresentar os problemas e as possíveis soluções, como também dar sugestões para melhorar a qualidade de atendimento daquela instituição; A definição de padrões mínimos de qualidade e de infra-estrutura também são imprescindíveis para termos uma educação de qualidade, pois quando não se tem padrões mínimos estabelecidos, qualquer coisa poderá ser tolerado; Apoio financeiro, este é um fator

muito importante pois sem apoio financeiro é muito difícil a gestão escolar proporcionar estratégias que qualificam a educação das escolas, entre estas estratégias está a formação continuada dos educadores.

A Política Nacional de Educação Infantil com suas diretrizes, objetivos, metas e estratégias têm um objetivo principal e maior que é a de contribuir para uma educação de qualidade, respeitando as diversidades de cada um, fazendo com que este processo seja prazeroso e gratificante, tanto para os alunos como para os educadores e pais.

## **2.2-Criança de seis anos no Ensino Fundamental: Onde fica a infância da criança de seis anos no Ensino Fundamental?**

O Ensino Fundamental precisa, antes de tudo, acreditar que toda a criança, todo o adolescente é capaz de aprender, dependendo da forma como é conduzido o processo de ensino, ou seja, isto depende da capacidade da escola considerar os pontos de partida desiguais das crianças e dos adolescentes.

A criança, ao ingressar no Ensino Fundamental - agora com seis anos de idade, mesmo já tendo experiências escolares anteriores, encara esta nova etapa (fortalecida pela expectativa dos familiares) como algo diferente, mais complexo. A não certeza sobre o que a espera e a descontinuidade no seu processo gera estranhamento para ela; porém esta nova e intrigante fase que começa na vida da criança ao ingressar no primeiro ano faz com que ela se torne protagonista de seu aprendizado, o que viabiliza a construção da sua autonomia, bem como sua identidade enquanto sujeito histórico.

Esta descontinuidade pode ser superada quando a Educação Básica realmente for implantada nas escolas, pois embora a Educação Infantil- 4 á 5 anos, já esteja incluída na Educação Básica, é visível a separação que há entre a Educação Infantil dos Anos Iniciais, o que vem se repetir na passagem para os anos finais e este tempo com o ensino médio.

Estas segmentações refletem diretamente nas aprendizagens e desenvolvimento dos estudantes. Em várias ocasiões a proposta do Ensino Fundamental de Nove Anos

salienta a importância das diretrizes curriculares sejam baseadas nas Diretrizes Curriculares da Educação Infantil.

Os Anos Iniciais do Ensino Fundamental é tempo da criança aprender de forma sistemática o que vinha construindo de forma assistemática na Educação Infantil, Se na Escola Infantil as crianças aprendiam pela interação mais espontânea, nos Anos Iniciais há uma intencionalidade e um compromisso com a aprendizagem daqueles conhecimentos necessários para sua inserção na sociedade contemporânea, comandada pela linguagem: precisa aprender a ler, escrever, calcular, interpretar..., assim é a expectativa dos pais, mas o que não quer dizer que para ocorrerem estas aprendizagens a criança precise deixar de ser criança. É preciso romper com a falsa dicotomia de que Escola Infantil é lugar de brincar e Escola de Ensino fundamental é para estudar. Brincar é tão importante quanto aprender, não se conflitam, pelo contrário, garantem o desenvolvimento integral e harmônico da criança. Os Anos Iniciais é tempo pedagógico que tem a ver com consciência/relação, de desvelamento do que está contido nas diferentes linguagens. Tempo de construção das competências cognitivas, procedimentais e valorativas; Tempo que exige uma intensa interlocução entre ensinante e aprendente, pois é tempo de aprender, compreender a utilidade (as razões/funções sociais) dos conhecimentos historicamente construídos.

[...] não se trata de transferir para as crianças de seis anos os conteúdos e atividades da tradicional primeira série, mas de conceber uma nova estrutura de organização dos conteúdos em um EF de nove anos, considerando o perfil de seus alunos. O objetivo de um maior número de anos de ensino obrigatório é assegurar a todas as crianças um tempo mais longo de convívio escolar, maiores oportunidades de aprender e, com isso, uma aprendizagem mais ampla. [...] Recomenda-se que as escolas, organizadas pela estrutura seriada, não transformem esse novo ano em mais uma série, com as características e a natureza da primeira série. Assim, o Ministério da Educação orienta que, nos seus projetos político/pedagógicos, sejam previstas estratégias possibilitadoras de maior flexibilização dos seus tempos, com menos cortes e descontinuidades (BRASIL, 2005). REFERENCIA

A inclusão de crianças de seis anos no ensino fundamental requer dialogo e alternativas curriculares claras e condizentes as necessidades desta faixa etária. A implantação de um ensino obrigatório de nove anos iniciando aos seis anos de idade pode contribuir para uma mudança na estrutura e na cultura escolar, a fim de construir uma nova proposta curricular, que considere as singularidades deste aluno. Este tempo mais longo que a criança ficará na escola precisa ser um tempo de qualidade onde tenha

orientações pedagógicas que respeitem as crianças como sujeitos da aprendizagem. É importante salientar que a ampliação do ensino fundamental para ser verdadeiramente de qualidade necessita ter condições de infra-estrutura, mobiliário equipamentos, aperfeiçoamento contínuo dos profissionais, planejamento para os professores e valorização desses educadores, assim sendo assegurado à legitimidade e efetividade dessa política educacional. O ensino fundamental de nove anos, principalmente o primeiro ano, não pode se restringir aos conteúdos, mas precisa ser ampliado no sentido de levar em consideração a experiência da criança e acreditar na capacidade de expressão. É um desafio para o educador, trabalhar os conteúdos de forma significativa, lúdica e prazerosa. Mas isso é possível, a partir do momento em que o professor desempenhe o papel de educador nas distintas situações de aprendizagens, ao modo, de propiciar construções significativas, compreendendo as subjetividades, fortalecendo sua prática pedagógica, utilizando diversos recursos ricos em afetividade, descobertas e aprendizagem.

A criança ao passar para o ensino fundamental não pode perder a magia que embasa a educação infantil, portanto faz-se necessário que os professores estejam sempre fazendo uma reflexão de sua prática no cotidiano da sala de aula, almejando que o ensino fundamental deixe um pouco de sua complexidade no que diz respeito aos aspectos formais da aprendizagem e passem a dar espaço para as crianças que estão chegando, continuem sendo crianças, ou seja, não deixem de brincar livremente com autonomia e espontaneidade, mas também que o professor ao proporcionar-lhes o espaço para brincar possa ter um olhar minucioso recheado de observações ricas para serem aproveitadas em prol da aprendizagem de seu aluno.

Tanto as políticas públicas quanto os educadores devem considerar:

A singularidade das ações infantis e o direito à brincadeira, à produção cultural, na educação infantil e no ensino fundamental. Isso significa que as crianças devem ser atendidas nas suas necessidades (a de aprender e a de brincar) e que tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental sejamos capazes de ver, entender e lidar com as crianças como crianças e não só alunos. (Kramer: 2006).

Diante disto, fica-nos evidente que devemos proporcionar ao sujeito infantil, uma ambiente escolar que favoreça a infância em sua plenitude, fazendo com que a

vivência escolar seja para a criança uma fonte de alegria e prazer, contribuindo assim para que a criança seja realmente criança dentro e fora da escola.

### **2.3-Seis anos e tempo de brincar ou de estudar? Ou de brincar e estudar?**

Em relação ao primeiro ano cabe destacar que os alunos não podem ser vistos como sujeitos a quem faltam conteúdos ou conhecimentos referentes à educação infantil e nem a partir da ideia de que neste primeiro ano serão preparados para os anos seguintes. Nesse sentido é fundamental destacar e compreender que as crianças de seis anos de idade vivem um momento muito especial de suas vidas e precisam de uma proposta curricular que atenda as suas características, as suas potencialidades e necessidades específicas de desenvolvimento e aprendizagens.

O que se faz necessário é a construção de uma proposta pedagógica que compreenda, respeite e atenda as necessidades das crianças dessa faixa etária. Contemplando seu pleno desenvolvimento nos aspectos físico, social, psicológico, cognitivo e intelectual. É importante ampliar ao máximo as possibilidades de aprendizagens, compreendendo que o primeiro ano não pode se restringir exclusivamente ao processo de alfabetização e ao letramento, mas sim, ter o lúdico muito presente no cotidiano deste primeiro ano, fazendo com que a criança não sinta o “baque” ou “trauma” nesta transição, ou seja, nesta nova etapa de sua vida. Conforme nos faz refletir Cecília Meireles em seu verso quando diz: “Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo... e vivo escolhendo o dia inteiro! Não sei se brinco, não sei se estudo, se saio correndo ou fico tranqüilo! Mas não consegui entender ainda qual é melhor: se é isto ou aquilo”.

Tendo como base o que nos diz Cecília Meireles em seu verso citado acima, a respeito de brincar ou estudar enfatizando o primeiro ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, podemos perceber com clareza que há dúvidas sobre o que deve ser priorizado na proposta pedagógica neste primeiro ano da escolaridade obrigatória. Professores, pais e alunos têm muitos questionamentos e dúvidas com relação a essa temática nos dias de hoje.

Mas afinal, como deve ser este novo ano, se o objetivo não é o alfabetizar aos seis anos de idade, então devemos apenas brincar?

Podemos perceber segundo estudos, que as escolhas dos profissionais da educação com relação ao que trabalhar, ou melhor dizendo como trabalhar com as crianças de seis anos não precisam ficar presas entre isto ou aquilo como nos salientou em seu verso Cecília Meireles, temos que compreender que o brincar e o aprender são coisas que estão entrelaçadas, principalmente na infância. É de suma importância respeitarmos o direito da infância, direito que se enfatiza em casa, na sociedade e na escola.

Retomando o questionamento anterior, pretendemos perceber que o aprendizado da linguagem escrita é de fundamental importância para inserir a criança no mundo letrado, partindo do pressuposto do que a criança já sabe, é importantíssimo termos como base as situações vividas no cotidiano de cada uma, bem como proporcionar avanços diários que devem ser preferencialmente trabalhados de maneira lúdica, visando sempre os interesses e os desejos da criança, buscando sempre proporcionar a elas o prazer de aprender, o prazer de descobrir o novo a cada dia, conforme nos diz RANGEL:

Considerando-se os aspectos sociológicos envolvidos, a tarefa do professor é propor, desde o primeiro dia de aula, um encontro profícuo da criança com o conteúdo da aprendizagem, ou seja a leitura e a escrita. Esse aprendizado pode, e deve ser, lúdico, prazeroso, mas precisa estar calcado no desenvolvimento desse conhecimento específico. Todos os dias a criança deverá aprender alguma coisa, nem que seja o nome de uma letra e seu reconhecimento, mas nenhum dia pode passar largo da aprendizagem da leitura e da escrita. (RANGEL. 2008. P, 12)

Isso que nos diz RANGEL reforça-nos a idéia de que cada dia é único para a criança, e ela tem o direito de aprender todos os dias algo novo, algo que tenha sentido real para a sua vida, sem que as aprendizagens se tornem para elas um fardo pesado; pois, é na brincadeira que as crianças se aproximam do mundo adulto, e isso facilita muito a sua inserção no fascinante e misterioso mundo da escrita.

Criança de seis anos: “é aquela idade inquieta em que já não é uma pequena criança, e não é ainda uma criança grande”. É o tempo em que começam estruturar-se as operações mentais. Período da consolidação da identidade e da autonomia. Possui condições de compreender e sistematizar determinados

conhecimentos, desde que lhe sejam dadas as condições para isto.  
(Doc.SEC/RS,2010)

Partindo do pressuposto ao que se refere à citação acima, podemos dizer que cada criança tem seu modo de ser e estar no mundo, e todas devem ter os mesmos direitos de acesso à educação, pois é na singularidade que se constrói a autonomia e que se tece os conhecimentos e, que sim: seis anos é tempo de brincar e estudar! Quer dizer, também, que o brincar não está desconectado com a afetividade, a linguagem, a percepção, a memória e a aprendizagem. Não é porque a criança de seis anos está ingressando no ensino fundamental que deixa de ser criança e o brincar deixe de ser um fator de desenvolvimento.



## CAPÍTULO III

### **Sob o olhar infantil: o conceito de criança na perspectiva da criança**

Quando percebemos a importância de ouvirmos a voz do sujeito “criança”, podemos investigar e analisar segundo eles próprios o que pensam sobre o contexto escolar no qual estão inseridos, bem como podemos ter maiores possibilidades de percebermos como é a infância de cada sujeito. Quando soubermos dar vez a voz dos nossos alunos, teremos em nossas mãos um poderoso tesouro que nos ajudara a conduzir de maneira mais dinâmica e prazerosa as aulas aos nossos alunos.

Pretende-se ao escrever este capítulo, dividir com o leitor a pesquisa de campo realizada com crianças que frequentam a pré-escola e o primeiro ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública Estadual do município de Ijuí. Tal estudo teve como ponto de partida o interesse em ouvir as vozes das crianças para saber o que elas pensam sobre a infância, bem como perceber como se sentem no ambiente escolar no qual estão inseridas, para tal pesquisa foi elaborado questões estratégicas para ambos os níveis de ensino, as quais visam perceber como a criança esta se sentindo no lugar que ocupa na escola onde estuda. As perguntas elaboradas para ambos os anos foram bem parecidas, buscando ter o mesmo sentido nas respostas, as quais citarei adiante tal qual foi perguntado, não se caracterizando como entrevista, mas sim, um roteiro para ser conversado com as crianças. Para as crianças da classe da Educação Infantil foram as que seguem: O que vocês gostam de fazer na escola? O que não gostam de fazer na escola? Como vocês acham que é o primeiro ano do Ensino Fundamental? O que vocês acham que os alunos fazem durante as aulas? Será que é difícil ou fácil o que eles aprendem? Vocês gostariam de estar na Pré-escola ou no primeiro ano? Por quê? O que acham que e diferente? O que vocês fazem na pré-escola? É fácil ou difícil as atividades da pré-escola? Vocês brincam? De que? Em que momentos isso acontece? A professora brinca junto, ou vocês brincam sozinhos? Em que momentos a brincadeira pode acontecer? Vocês gostariam de estar na Pré-escola ou no Primeiro Ano? Por quê?

Para o primeiro ano as perguntas realizadas foram: O que vocês acham que mudou na escola com relação à Educação Infantil para o Primeiro Ano? Vocês preferiam estar na Educação Infantil ou no Primeiro Ano? Por quê? O que tem de

diferente? O que vocês fazem no primeiro ano? Vocês estudam muito ou pouco? É fácil ou difícil as atividades? Vocês brincam? Em que momentos isso acontece? A professora brinca junto, ou vocês brincam sozinhos? Em que momentos a brincadeira pode acontecer? Vocês gostariam de estar no Primeiro Ano ou na Pré-escola?

Tendo em mãos as perguntas a serem investigadas, que se assenta em ouvir as vozes infantis, pedi para a professora Dinara que atende as crianças da pré-escola, e também para a professora Fernanda que trabalha com as crianças do primeiro ano se havia a possibilidade de fazer a pesquisa de campo com suas turmas. Ambas concordaram e se dispuseram a ajudar se houvesse necessidade. Me senti acolhida pelas duas e combinei de imediato os dois dias que iria em cada turma para concretizar a pesquisa.

Antes de me reportar as crianças da pré-escola com as perguntas fiz uma breve apresentação de mim mesma, contei para elas o que estava fazendo ali e que queria saber se elas queriam me ajudar em um trabalho da faculdade, todas em uma só voz responderam que sim! Eu então, disse a elas que iria escrever tudo que elas dissessem no meu caderno e depois escreveria tudo no meu trabalho. Elas ficaram muito felizes e sorridentes.

Antes de começarmos a conversar, pedi a eles que se organizassem em um círculo, pois eles estavam organizados em grupos de quatro crianças. Eles imediatamente levantaram-se das cadeiras onde estavam sentados e pegaram suas almofadas e sentaram-se sobre um tapete vermelho que se encontra no fundo da sala, e eu então percebi que quando eles fazem círculo é para lá que se deve ir. Para descontair um pouco contei para as crianças uma linda história escrita pela escritora Ruth Rocha a qual se chama: *As Coisas que eu Gosto*, onde a mesma nos conta a história de um bebe que relata tudo que ele gosta de fazer durante o dia, e a partir desta literatura é que comecei a conversar com eles sobre o que eles gostam e o que não gostam da escola.

Todos os depoimentos que aparecerão a diante foram extraídos da conversa que tive com as crianças da Educação Infantil.

**Pesquisadora:** *O que vocês gostam de fazer na escola?*

**Natali:** *Eu gosto de brincar, aqui a gente brinca muito.*

**Aline:** *Eu gosto de tudo, a gente só faz coisas legais, a minha profe também é mais legal de tudo.*

**Igor:** *Legal mesmo, é correr atrás das meninas, mas elas não gostam... eu corro igual.*

**Amanda:** *Eu amo a pracinha e tudo que tem lá. A gente vai bastante na pracinha pequena, e quase nada na grande... eu gosto das duas, mas mais da grande.*

**Rafael:** *Eu gosto dos desenhos que a profe manda nos fazer com tinta, só que a gente suja a sala, e também quando a gente brinca de carrinho na pista.*

**Iasmim:** *Eu gosto quando a profe vem com filme de desenho.*

Percebe-se no depoimento dado pelas crianças, que elas são muito felizes no ambiente escolar, e que brincam e se divertem muito; pois como foi possível observar as crianças associam o brincar ao sentido de alegria e diversão. Isso é muito importante para o desenvolvimento físico e psicológico das crianças, pois segundo muitos estudiosos o brincar não deve se visto apenas como um passatempo, pois é na interação com o outro que construímos os nossos próprios valores e crenças, formando assim a nossa identidade pessoal.

**Pesquisadora:** *O que vocês não gostam na escola?*

**Igor:** *Não gosto quando tem briga com as meninas, e elas sempre brigam com os meninos... querem tudo pra elas.*

**Luana:** *Não gosto de brigar e ter que ficar sentada um pouco só pensando.*

**Matheus:** *Eu não gosto quando me empurram na fila, e eu caio.*

**Ana:** *Eu não gosto quando L... senta perto de mim ele só briga e incomoda.*

Ao analisar a pergunta feita para as crianças da pré-escola evidencia-se que existem muitos conflitos entre elas, ou melhor dizendo, existe uma “disputa de espaço” entre as crianças, porém as mesmas dizem não gostar de brigas. Percebe-se segundo Luana, que quando se excedem nas disputas pelas coisas, acabam saindo um pouco da brincadeira para que possam repensar as atitudes que tiveram com relação ao colega.

**Pesquisadora:** *Vocês gostariam de estar na Pré-escola ou no primeiro ano? Por quê? O que é diferente?*

**Iasmim:** *Eu ia gostar um pouco de estar no primeiro ano porque daí eu já ia saber escrever e ler, porque lá eles já sabem.*

**Igor:** *Eu queria ficar só no pré, porque aqui a gente brinca sempre... no primeiro ano a profe deles não sai com eles.*

**Amanda:** *Eu queria tá no primeiro ano, porque a gente copia todo dia do quadro e aprende escrever e fazer continha.*

**Luana:** *No primeiro ano a gente brinca pouco, mas é bom porque a gente aprende muitas coisas, e já escreve o nome sem ajuda.*

**Rafael:** *Eu ia querer tá no primeiro ano porque eu ia ser mais grande e ia ter recreio e ia escrever muito até cansar.*

Os depoimentos dados nas respostas evidenciam o desejo e a expectativa que as crianças têm ao se imaginarem no primeiro ano, desejo este de aprender a ler e escrever e desvendar este mundo novo cheio de sinais a serem aprendidos e interpretados. Isso nos faz perceber a fantasia que a criança tem em se imaginar em uma sala de primeiro ano, fantasia essa que deve ser aguçada a cada dia para que a criança nunca perca esta magia que rodeia seu universo.

**Pesquisadora:** *O que vocês fazem na pré-escola?*

**Luana:** *Nós olhamo filme, brincamo, desenhamo.*

**Natali:** *A gente brinca bastante de rodinha, aqui a gente desenha tudo, porque a gente não escreve.*

**Igor:** *A profe só dá trabalho de desenho, gosto quando tem filme, e de jogar bola na areia.*

**Natali:** *Nós temo aprendendo os números e as letras também, eu sei todas do meu nome porque eu já escrevo meu nome.*

Ao analisarmos as duas perguntas feitas, verifica-se que o cotidiano e as atividades propostas para as crianças estão sendo assimiladas facilmente por elas, pois como ainda não escrevem, registram suas aprendizagens, desejos e angústias através do desenho, que não deixa de ser uma linguagem escrita, linguagem esta que mais tarde será produzida a partir da escrita.

**Pesquisadora:** *É fácil ou difícil as atividades da pré-escola?*

**Aline:** *Aqui tudo é fácil, só os números é um pouco difícil, mas eu to aprendendo todos.*

**Igor:** *Eu já sei os números até o sete.*

**Luana:** *Sempre sei fazer tudo que a profe pede. Ela diz que meu desenhos são bonitos.*

**Natali:** *Eu acho fácil porque eu já escrevo o meu nome e também sei fazer desenhos bonitos.*

**Pesquisadora:** *Vocês brincam? De que?*

**Matheus:** *A gente brinca sempre todo dia, a profe deixa pegar o brinquedo que quiser, menos a bola, porque a bola dá pra joga só lá fora.*

**Igor:** *Eu brinco de ir atrás das meninas de pega-pega.*

**Aline:** *Eu gosto de brinca com Ana de casinha e boneca, porque é brincadeira de menina.*

**Ana:** *Eu brinco sempre de casinha e de rodinha com todas as meninas, porque eu gosto,*

**Rafael:** *Eu gosto de jogar bola em qualquer lugar que a profe deixa, gosto de corda, mas aqui nos não temo corda porque é perigo e dá briga.*

**Pesquisadora:** *Em que momentos a brincadeira pode acontecer?*

**Amanda:** *A gente brinca sempre, só não pode brinca quando faz trabalho porque tem que presta atenção.*

**Natali:** *Não pode brincar no lanche, porque no lanche a profe diz que não pode.*

**Igor:** *Dá pra brinca quando a profe diz que dá pra brinca.*

**Amanda:** *Mas no pátio pode brincar só aonde a gente combina, porque se a gente for longe a gente se perde dos outros, e a mãe chega pra busca a gente e não encontra mais a gente.*

**Matheus:** *Uma vez um guri que teima se perdeu da profe porque foi longe, e a profe contou pro irmão dele.*

**Pesquisadora:** *A professora brinca junto, ou vocês brincam sozinhos?*

**Matheus:** *A profe sempre brinca junto para ficar perto pra gente não se perder.*

**Iasmim:** *A profe gosta de brinca com as meninas de roda.*

**Igor:** *Mas os meninos também brincam junto de roda com a profe.*

**Natali:** *Às vezes a profe se escorrega no escorregador com a gente, eu gosto quando ela sobe lá com a gente.*

Percebe-se nas respostas obtidas pelas crianças, que o brincar se faz de maneira constante nesta escola, porém tem momentos certos para acontecer. A professora segundo as crianças sempre que possível se mostra presente nas brincadeiras, e isso provoca um resultado satisfatório tanto para as crianças quanto para o adulto que com ela interage, pois, no momento do brincar acontecem trocas significativas para ambos o que facilita muito para que novas descobertas venham a acontecer, facilitando assim um vínculo forte de carinho e afetividade, que é muito importante para que a criança fortaleça a sua autonomia e a sua auto-estima. O professor passa a ser uma ferramenta fundamental na inserção da criança no mundo e nas novas descobertas.

As falas das crianças evidenciam o quanto gostam quando a professora participa das atividades. Agostinho (2003) citando Faria (1993) fala da importância do olhar do adulto frente ao brincar da criança, fazendo-nos perceber o valor que a ação projeta no desenvolvimento da criança.

Brincar com as crianças e permitir o tempo necessário para que elas possam criar requer do adulto-educador conhecimento teórico sobre o brinquedo e o brincar, e muita paciência e disciplina para observar, sem interferir em determinadas atividades infantis, além da disponibilidade para (re) aprender a brincar, recuperando/construindo sua dimensão brincalhona. Diferentemente do que se pode pensar a primeira vista (como foi acusado de 'laissez-faire o projeto da Escola Nova), o professor é elemento fundamental nesse processo de criação, quando deve equilibrar esse tempo maior necessário para o desenvolvimento da fantasia (que não tem tempo Cagliari 1990), com outros tempos diferenciados, para outros tipos de atividades. (AGOSTINHO, 2003:78 apud FARIA, 1993:150)

Isto nos permite perceber a importância de contemplarmos nossas práticas junto às crianças, pois quando participamos efetivamente do universo que embasa o mundo infantil, acabamos por conhecê-los melhor e até mesmo nos conhecer melhor, pois parte do nosso mundo revelamos nas ações e significados que damos nas brincadeiras, e isso acaba por fazer com que os outros percebam o que nós vivenciamos.

**Pesquisadora:** *Como vocês acham que é o primeiro ano do Ensino Fundamental?*

**Rafael:** *Acho que é legal, meu irmão estuda lá, e ele já sabe bastante.*

**Aline:** *É bom porque eles saber ler tudo que ta escrito em tudo.*

**Luana:** *Eu queria ta no primeiro ano, porque eles tem caderno grande e tem tema par fazer em casa e a mãe pode ajuda se eu não saber.*

**Igor:** *O Viní que estuda lá escreve a data sozinho e a profe de lá não ajuda mais ele porque ele já sabe e aprendeu bastante.*

**Pesquisadora:** *O que vocês acham que os alunos fazem durante as aulas?*

**Iasmim:** *Escrevem bastante e quando acaba o caderno de tanta coisa é só pedi pra mãe comprar outro.*

**Ana:** *Eles quase não sai pra fora, só sai pra ir no lanche porque eles tem que escrever bastante, eu queria estudar lá pra saber bastante.*

**Igor:** *Eu prefiro estudar nessa sala porque na outra sala eles pintam e recortam bastante, mas eu queria ter caderno igual eles.*

**Pesquisadora:** *Será que é difícil ou fácil o que eles aprendem?*

**Matheus:** *Se estudar muito, o dia inteiro eu acho fácil.*

**Igor:** *Eu acho que deve ser bom porque a profe ensina daí à gente consegue aprender tudo.*

**Luana:** *Tem que saber todas as letras lá e se eu não aprender logo vai ser difícil.*

**Rafael:** *A Julia me disse na fila que eles vão fazer o alfabeto no caderno pequeno e ia ser legal.*

**Ana:** *Eu acho que vai ser bem fácil a outra sala, eu queria estudar na outra sala e ser mais maior.*

As expectativas que a criança tem frente a um novo desafio é muito importante, em razão disso é necessária, uma integração entre a Educação Infantil e Anos Iniciais no processo de passagem de educação infantil para os anos iniciais. As falas das crianças evidenciam influência dos outros. Respondem muitas questões considerando a expectativa (aprovação?) do adulto. Esta seria mais uma questão a ser analisada mais profundamente. A criança, aos se manifestar, simplesmente imita o adulto, ou produz sua própria cultura tendo como referência a cultura adulta?

Ao analisarmos as respostas extraídas das crianças, verifica-se que as crianças têm varias expectativas com relação ao Primeiro Ano. Elas ao falarem contam experiências que provavelmente as outras crianças devem ter contado a elas, pois em algumas respostas eles citam nomes de crianças que estão no primeiro ano.

Cabe a nos educadores, através de estudos contínuos, revisar diariamente as nossas práticas, tendo a criança sempre focalizada em nossos planejamentos, para não acabar destruído a magia que ela tem com relação ao novo, pois, a criança de seis anos precisa ter um espaço de interseção entre a educação infantil e o primeiro ano.

### CONVERSANDO COM AS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS...

Depois da interação com crianças da educação infantil, realizei a mesma prática com uma turma de crianças do primeiro ano, visando perceber as semelhanças e diferenças entre as respostas dadas pelas crianças dos dois níveis pesquisados; as quais descrevo conforme respostas obtidas das crianças desta turma. As quais seguem:

**Pesquisadora:** *O que vocês acham que mudou na escola com relação à Educação Infantil para o Primeiro Ano?*

**Mariana:** *No primeiro ano a gente quase não sai pra fora, porque a gente precisa aprender muito. E se a gente sai que nem os outros aprende menos.*

**Arthur:** *Eu gosto mais de estudar do que brincar, no pré eu só desenhava e pintava e aqui aprendo mais coisas.*

**Camila:** *Lá (referindo-se ao pré) nós olhava filme e brincava muito. Agora que a gente é mais grande, tem que senta, ficar quieto e aprender.*

**Fabício:** *Aqui é muito mais legal. A gente tem caderno, conhece as letras, e faz livro com as letras do alfabeto.*

**Cíntia:** *A profe dá tema pra fazer em casa. Eu gosto de fazer o tema em casa.*

Verifica-se nas respostas uma mudança brusca do Primeiro Ano com relação à Educação Infantil. Nas respostas percebe-se com evidencia que o brincar já começou a ser deixado de lado, e que é dado prioridade para a aprendizagem da escrita. As crianças salientam que gostam de aprender, mas e o brincar, será que já deixou de ter importância para as crianças, ou é o professor quem está priorizando mais a escrita e acaba deixando um pouco de lado o brincar? Essa é uma pergunta que nos cabe pensar.

**Pesquisadora:** *Vocês preferiam estar na Educação Infantil ou no Primeiro Ano? Por quê? O que tem de diferente?*



**Camila:** *Eu preferia estar no primeiro ano, porque no pré a gente não faz nada, só brinca e desenha. E aqui a gente faz coisas mais legais.*

**Guilherme:** *No primeiro ano, porque aqui nós vamos aprender a ler, pra saber pegar o ônibus certo pra ir pra casa.*

**Vinícios:** *Eu gostava mais do pré, porque podia brincar na sala se a profe deixava, ela sempre deixava brincar na sala.*

**Carolina:** *Se a gente tivesse no pré não ia saber nada. Eles não escrevem e não sabem nada, porque eles só brincam e correm por tudo.*

**Laura:** *Aqui a profe é bem legal, ela faz ditado de letra, e eu às vezes acerto e às vezes erro um pouco porque eu to aprendendo a escrever, e quando a gente aprende pode errar a profe disse.*

Nessas respostas as crianças deixaram transparecer que gostam de estar no primeiro ano porque aprendem mais coisas do que na Educação Infantil, salientaram que na Educação Infantil elas só brincam, o que acaba sendo um grave equívoco, pois as aprendizagens acontecem a todo momento independente do que se esteja fazendo. Notasse assim, que a própria criança parece desfazer das brincadeiras que um ano atrás faziam parte do seu cotidiano diário no âmbito escolar. Podemos perceber isso com uma certa preocupação, pois a brincadeira não pode jamais perder o seu lugar em uma escola.

Novamente, e talvez com mais intensidade, se percebe que as respostas têm influência da cultura adulta. Afirmam gostar de brincar, mas no primeiro ano, é melhor porque aí se estuda, aprende.

**Pesquisadora:** *O que vocês fazem no primeiro ano? Vocês estudam muito ou pouco? É fácil ou difícil as atividades?*

**Arthur:** *Aqui a profe faz nós estudar muito, a gente escreve bastante porque a gente tem que escrever na linha e não fora da linha, às vezes escrever na linha eu acho fácil.*

**Camila:** *A profe passa coisas bem facilzinha pra gente fazer na aula, eu gosto de fazer as coisas que a profe manda, porque a gente tem que fazer tudo que a profe manda.*

**Cíntia:** *Aqui é bem bom, a profe é boa. A gente faz coisas que são fácil.*

**Guilherme:** *Eu gosto de tudo, mas às vezes as coisas são difícil, e eu tenho que apagar um monte até acertar tudo.*

**Mariana:** *A gente tá fazendo conta com palito de picolé, daí é muito fácil, e se a gente não usa palito é difícil porque a gente não lembra dos números.*

Verifica-se nas respostas obtidas que no Primeiro Ano é dado mais ênfase na aprendizagem propriamente dita, as crianças parecem gostar do que lhes é proposto, a maioria consegue realizar as atividades sem muitas dificuldades, porém, acreditamos que a aprendizagem da criança de seis anos de idade, não pode de maneira alguma se restringir a alfabetização, pois as crianças precisam ampliar as possibilidades de aprendizagens de maneira diversificada.

No primeiro é tudo mais difícil, porque não pode errar, por isso é preciso fazer o que a professora manda. Na educação infantil, a professora é boa, porque “ela brinca com a gente”. No primeiro ano, ela “ensina”.

**Pesquisadora:** *Vocês brincam? Em que momentos isso acontece?*

**Fabício:** *A gente brinca quando é o dia da pracinha.*

**Carolina:** *A gente não brinca só na pracinha, às vezes a profe deixa brincar na sala se não tiver grito e correria.*

**Vinícios:** *Eu gosto quando dá pra pegar o jogo de fazer estradas pros carrinhos, só que a gente brinca pouco.*

**Laura:** *Quem faz tudo a profe deixa brincar quietinho, mas quem não faz tem que ficar fazendo até terminar, daí pode brincar, só que se dá briga por causa de brinquedo a profe manda guardar tudo, daí a gente não brinca por causa de quem incomoda.*

**Mariana:** *Eu gosto quando dá pra trazer brinquedo de casa, daí eu trago minha boneca, daí a gente brinca de fazer casinha.*

Só brinca se fizer as atividades, quem ficar quieto. O brincar vai tornando-se prêmio, castigo. A brincadeira começa a tirar o tempo de estudar. Neste contexto nos vem à lembrança o poema de Cecília Meireles: Ou isto ou aquilo?

**Pesquisadora:** *A professora brinca junto, ou vocês brincam sozinhos?*

**Cíntia:** *Quando a gente vai na pracinha a gente brinca sozinho, porque a profe é muito grande pra ir nos brinquedos, porque os brinquedos da pracinha é só pra gente pequena, e os grande se vão estragam tudo.*

**Camila:** *A profe brinca com nós de adoleta, e quem sai fora tem que esperar o último sair pra começar de novo.*

**Arthur:** *Quando a gente brinca a profe aproveita pra corrigir nossos cadernos, porque ela não tem como levar todos os caderno pra olhar em casa, porque ela não vem de carro.*

**Guilherme:** *A profe brinca mais só às vezes, porque ela é grande e grande não brinca igual à gente.*

**Carolina:** *Eu amo quando a profe tornea a corda pra nós pular e quando ela inventa que a corda é uma cobra e não dá pra gente se encostar na corda, se não a gente morre porque na brincadeira a cobra mata quem se encosta nela. Daí tem que ficar de fora esperando pra ir de novo.*

Percebe-se nesta turma de Primeiro Ano que a “brincadeira” tem dia certo para acontecer, às vezes as crianças podem brincar quando terminam alguma atividade, mas precisam brincar quietinhas para não atrapalhar quem ainda está fazendo as atividades. Assim evidencia-se que a brincadeira acontece de maneira fragmentada, não tendo um propósito para acontecer, não que o brincar livre não tenha importância para as crianças, mas, é muito importante que o professor tire um tempo para participar das brincadeiras junto das crianças, pois, é na participação conjunta das crianças que o professor consegue conhecer melhor as crianças, facilitando assim a aproximação entre ambos.

As crianças justificam a professora por ela não brincar, pois ela não tem tempo, é grande... A professora da educação infantil não é grande? Como ela brinca e tempo para isto?

**Pesquisadora:** *Vocês gostariam de estar no Primeiro Ano ou na Pré-escola?*

**Laura:** *Eu queria estar no primeiro ano, porque aqui é bem melhor, e é mais divertido.*

**Vinícios:** *Eu acho que eu queria tá no pré, porque lá a gente olha mais filme e brinca mais, mas lá a gente não tinha caderno e eu gosto de ter caderno.*

**Mariana:** *No primeiro ano porque a gente vai aprender a ler um dia, e daí a gente vai poder ler os livros da biblioteca pros pais e pros tios.*

**Cíntia:** *Eu queria tá no primeiro ano porque aqui a gente estuda coisas importantes e aprende bem mais coisas que eles.*

**Fabício:** *Aqui é mais legal porque a gente estuda mais e aprende a cuidar das nossas coisas.*

É visível a alegria que as crianças perpassam em suas respostas em estarem no Primeiro Ano, salientam que estão gostando de aprender a escrever. Sabemos da importante relação que o mundo da escrita tem para as crianças, mas, cabe ao professor não dar ênfase apenas à alfabetização no Primeiro Anos, pois, esta nova proposta de ensino de se ter mais um ano para que a criança se alfabetize, acaba por não valer de nada se o professor acabar por apenas antecipar a antiga primeira série para este novo Primeiro Ano.

Estamos em um momento adequado para revermos as práticas pedagógicas que estão sendo realizadas nas escolas, a fim de garantir que os estudantes possam aprender com prazer, tendo sua infância e sua singularidade respeitada,

## CAPÍTULO IV

### POR UMA ESCOLA QUE ACOLHE AS CRIANÇAS

A Constituição Federal assegura entre outros direitos da criança, a educação, a dignidade, o respeito, toda criança deve estar livre de qualquer tipo de violência e discriminação. Estes direitos devem ser assegurados pela família, pelo Estado e pela sociedade.

Pensar hoje em uma escola que acolhe as nossas crianças requer uma reflexão séria e comprometida referente à entrada da criança de seis anos no ensino fundamental, entendido atualmente como ensino fundamental de nove anos. É preciso estar atentos a tudo que tange esse novo ensino, bem como refletir sobre o lugar da infância neste novo contexto que passam a ser inseridos, considerando, também o currículo e a proposta pedagógica que precisam ser revistos e reelaborados pelos profissionais das instituições da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, visando atenderem com qualidade a esta nova realidade que se apresenta no âmbito educacional de nosso país.

É pensando neste novo contexto escolar, que aprofundaremos neste último capítulo um diálogo de contribuições tanto para a Educação Infantil quanto para o Ensino Fundamental, visando propor um debate a respeito da articulação entre ambos, pois, não é só a inserção desta criança no ensino fundamental que preocupa a todos que fazem parte do contexto escolar da criança e sua família mas, sim, a efetiva garantia do cumprimento do que a Política do Ensino Fundamental de Nove Anos propõe, que é a produção de uma proposta pedagógica que garanta e abranja as especificidades dos sujeitos dessa infância que chegam até as nossas escolas, e que ficarão um ano a mais da sua infância no ensino fundamental.

A criança, atualmente, muito cedo, torna-se aluno e permanece como tal por muito tempo. Em razão disso é necessário cuidado com a infância sob o risco de institucionalizá-la. Considerando esta realidade, hoje irreversível, é função da escola e da família pensar e produzir propostas mais humanizadoras e que, efetivamente, aconteçam espaços acolhedores. É muito importante que os pais e os educadores partilhem das mesmas condutas e ensinamentos para que a criança entenda que está num ambiente harmonioso e bom de estar. Isso fará com que a criança se sinta protegida

e desta forma ela terá um desenvolvimento mais sólido e mais saudável para a aprendizagem.

A inclusão da Educação Infantil na Educação Básica e a inserção da criança de seis anos no ensino fundamental impõem novos desafios, sobretudo pedagógicos no âmbito educacional. Ao pensarmos esses desafios e dificuldades, não podemos nos esquecer, que as crianças que hoje estão no primeiro ano do ensino fundamental, ontem faziam parte da Educação Infantil, uma etapa de ensino que tem concepções de criança, aprendizagem, conhecimentos, tempos e espaços diferenciados. Neste sentido, buscando proporcionar uma educação de qualidade a essas crianças, devemos dar prosseguimento ao que já se iniciou na Educação Infantil, pois, as experiências, saberes e conhecimentos construídos na Educação Infantil acerca dessa criança precisam ser respeitados e considerados por todos, e, sobretudo servir de apoio para os novos saberes que serão construídos no coletivo no novo Ensino Fundamental.

Quando se defende a integração da Educação Infantil com os Anos Iniciais, é importante destacar que a Educação Infantil não tem como propósito preparar crianças para o Ensino Fundamental, pois, cada etapa da educação tem seus objetivos e características próprias. Porém, no contexto que se apresenta um depende do outro, pois ambos envolvem uma série de saberes necessários para a inserção da criança no mundo; e para que essa “passagem” ocorra de maneira sutil para a criança é necessário preservar o desenvolvimento e o tempo individual de cada sujeito.

A criança de seis anos de idade, ainda se encontra em um momento da vida em que o brincar se faz presente, tendo um papel fundamental no seu desenvolvimento, e diante disso é preciso e necessário que a escola se ajuste a necessidade de seu novo alunado, pois, o brincar deve estar presente em todo o Ensino Fundamental e não só na Educação Infantil. Se desconsiderarmos o brincar na infância estamos desconsiderando a própria infância que é direito garantido pelas crianças. Conforme Nascimento, p.30 que diz:

Pensar a infância na escola e na sala de aula é um grande desafio para o ensino fundamental que, ao longo de sua história, não tem considerado o corpo, o universo lúdico, os jogos as brincadeiras como prioridade.

Infelizmente, quando as crianças chegam a essa etapa do ensino, é comum ouvir a frase “Agora a brincadeira acabou!”. Nosso convite, e desafio, é aprender sobre e com as crianças por meio de suas diferentes linguagens. Nesse sentido, a brincadeira se torna essencial, pois nela estão presentes as múltiplas formas de ver e interpretar o mundo. A brincadeira é responsável por muitas aprendizagens.

Percebe-se, portanto a importância de elaborarmos um trabalho pedagógico pautado na criança, visando contemplar os tempos e os espaços da infância nas mais diferentes esferas, proporcionando a elas uma proximidade com a cultura na qual estão inseridas, pois desta forma conseguirão se expor de maneira a conseguir expressar com mais facilidade as suas emoções e as formas de ver, compreender e de significar o mundo no qual estão inseridas, facilitando assim o desenvolvimento e a capacidade de construir sua própria autonomia.

Estamos, portanto em um momento oportuno para repensarmos todos os aspectos que envolvem a escola e os conhecimentos que nela serão produzidos, não devemos pensar apenas nos aspectos legais que envolvem a escola, mas sim proporcionar as crianças praticas pedagógicas que realmente às acolha. Precisamos neste sentido, estar motivados e preparados para construir espaços onde possam acontecer trocas de aprendizagens significativas tanto para as crianças como para os adultos que estão com elas no dia-a-dia, criando um ambiente rico de descobertas para ambos, onde experiências possam ser trocadas e aprimoradas entre os pares.

Sabemos que todos trazem uma carga de saberes consigo, e quando chegam à escola esses saberes se multiplicam, pois acabam tendo oportunidade de viver com o outro novas aprendizagens. Portanto essas aprendizagens não devem ficar apenas na reprodução do que já foi aprendido na Educação Infantil, mas, sim é necessário desenvolver um trabalho pedagógico que saiba aproveitar todas as experiências anteriores que a criança possui, visando a sua progressão dentro e fora da escola, pois é a partir daí que a criança passa a ser vista e pensada como foco nas propostas educacionais. E é pensando nesse foco que CORSINO. p.58 nos sugere:

Na busca desse foco, pensamos que um ponto de partida seria conhecer as crianças, saber quais são os seus interesses e preferências, suas formas de

aprender, suas facilidades e dificuldades, como é o seu grupo familiar e social, sua vida dentro e fora da escola. Conhecer, por sua vez, implica sensibilidade, conhecimentos e disponibilidade para observar, indagar, desenvolver respostas para articular o que as crianças sabem com os objetivos das diferentes áreas do currículo. Implica, também, uma organização pedagógica flexível, aberta ao novo e ao imprevisível; pois não há como ouvir as crianças e considerar suas falas, interesses e produções sem alterar a ordem inicial do trabalho, sem torná-lo uma via de mão dupla onde trocas mútuas sejam capazes de promover implicações, provocar os saltos dos conhecimentos.

Diante disto, cabe-nos perceber que nos professores (as) temos um papel fundamental no planejamento das atividades a serem oferecidas para as crianças, pois a nós compete propor e impulsionar o desenvolvimento das crianças na busca de mediar situações e experiências que abram caminhos e que propiciem a elas uma articulação com as diferentes áreas do conhecimento, essa mediação nos facilita muito na aproximação das crianças, pois é quando trocarmos experiências, conhecimentos e interações é que a aprendizagem vai se dando. Neste sentido podemos perceber que o ensino fundamental para crianças de seis anos é um dos primeiros lugares de convivência que a criança tem depois da família, e é onde tudo começa.

Portanto, tendo como base tudo que foi dito até o momento, podemos defender a idéia de que os direitos sociais das crianças precisam e devem ser assegurados e respeitados por todos os envolvidos com o contexto escolar, e que o trabalho pedagógico oferecido as crianças levem em consideração a singularidade das ações infantis, proporcionando a elas o direito do brincar, do aprender, e a reprodução própria de sua cultura, isso tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental. Para que isso realmente se efetive é necessário que o adulto se ponha no lugar desta criança, planejando um trabalho rico e significativo e que assegure a apropriação e a construção do conhecimento por todos, tanto aos que estão na Educação Infantil como aos que estão no Ensino Fundamental, buscando ver, entender e lidar com esses sujeitos de maneira com que não sejam vistos apenas como estudantes, mas sim, como crianças merecedoras de alternativas curriculares condizentes com a sua idade



### **SINTETIZANDO: A escola que acolhe a criança...**

A escola “acolhedora de criança” é aquela que se organiza a partir dela e com ela, é aquela que se organiza a partir de um currículo pautado na lógica da infância; que privilegia, além de professores engajados e com formação, um espaço educador que integra e instiga a pesquisa, a pergunta e a produção da cultura entre os pares.

A inserção da educação infantil na educação básica, a implantação do ensino fundamental de nove anos, implica da escola se modificar em sua estrutura e materialidade; novos olhares sobre a infância se fazem necessários, novos saberes e fazeres precisam ser construídos e praticados na perspectiva de superar a descontinuidade histórica entre estes dois tempos pedagógicos.

O processo pedagógico da escola que acolhe prevê e respeita as diversidades entre as crianças e suas especificidades, bem como a utilização de situações de aprendizagens diversas, principalmente o brincar, o jogo, linguagens expressivas, como mediadores de conhecimento e de aprendizagem. A escola que acolhe, reconhece e respeita a diversidade, pois entende que as crianças possuem um histórico de vida diferenciado umas das outras, em razão disso não exige que todas as crianças sejam iguais, que respondam aos estímulos da mesma forma, pelo contrário, elas são respeitadas com suas especificidades. Os educadores, em conjunto, criam oportunidade de cuidado e aprendizado que contemplem estas diferenças.

A escola acolhedora, também “cuida” de seus professores, privilegiando, em seu projeto um programa de formação continuada que promove a humanização da docência. Não é novidade que qualquer profissional que tenha reconhecimento trabalha com mais prazer e zelo. É importante valorizar o profissional de educação, pois os educadores ao se verem sem oportunidade de aprimorar os seus conhecimentos e também não tendo o devido reconhecimento, vão se tornando profissionais despreparados para o desafio da docência e desestimulados perante a falta de reconhecimento.

## REFERENCIAS

(AGOSTINHO, 2003:78 apud FARIA, 1993:150)

ANDRADE, CyrceM. R. J. **Vamos dar a meia volta e meia volta vamos dar: o brincar na creche.** In OLIVIERA, Zilma de Moraes R. de (org). Educação Infantil muitos olhares. São Paulo: Cortez, 1994. P. 24.

ARROYO, Miguel G. *Imagens quebradas. Trajetórias e tempos de mestres.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 2ª edição.

BARBOSA, Maria Carmem S, DELGADO, Cristina Coll. *A Infância no Ensino Fundamental de Nove Anos, Editora Penso, ARTMED, 2005.*

BENJAMIM, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação.* São Paulo: Summus, 1995. p.17-18).

BORBA Angela Mayer. O BRINCAR COMO UM MODO DE SER E ESTAR NO MUNDO. Ensino Fundamental de Nove Anos. Orientações para a Inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília 2006. p.33 e 34.

BRASIL. Caderno de **Orientações Gerais sobre o Ensino Fundamental de 9 anos.** Ministério da Educação. 2005

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de nove anos: Orientações Gerais.** Brasília, 2004.

BRASIL. **Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005.** Determina a obrigação da matrícula das crianças de 6 anos no Ensino Fundamental. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, DF, 17 maio 2005.

BRASIL. **Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006.** Aprova o Ensino Fundamental de nove anos de duração. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, DF, 7 fev. 2006.

CORSINO, Patrícia. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. Ensino Fundamental de Nove Anos. Orientações para a Inclusão da Criança de seis anos de idade. Brasília 2006. p.58.

ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS. Orientações para a Inclusão da Criança de Seis Anos de Idade. Brasília 2006.

KRAMER, Sonia. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil:** educação infantil e/é fundamental. Educ. Soc., Campinas, v. 27, n. 96, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci\\_arttext&pid=S010173302006000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S010173302006000300009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 14 ABRIL 2012.

KRAMER, Sonia. A Infância e sua Singularidade. Ensino Fundamental de Nove Anos. Orientações para a Inclusão da Criança de seis anos de idade. Brasília 2006. P.14

LIBÂNEO, José Carlos. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo, Cortez, 2005.

NASCIMENTO. Anelise Monteiro. A Infância na Escola e na Vida. Uma relação fundamental. Ensino Fundamental de Nove Anos. Orientações para a Inclusão da Criança de seis anos de idade. Brasília 2006. p. 28, 29 e 30.

PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. A criança de 6 anos no Ensino Obrigatório: Um avanço social. **Revista Criança – Práticas para a igualdade racial na escola.** Brasília, n. 42, p. 10-11, dezembro. 2006.

RANGEL, Annamaria Piffero. Alfabetizar aos seis anos: / Annamaria Piffero Rangel. – Porto Alegre: Editora Mediação, 2008. p. 12.

SILVA, Andréa Pereira; ANDRADE, Dani Cristina de Castro; MORAES, Lúcia Enir.  
A Criança Enquanto Sujeito do Processo Ensino-aprendizagem. P. 11, 2006.

\_\_\_\_\_. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.17-18.